

► NOTAS SOLTAS Por Jorge Coli

Elementar, meu caro maestro

Sherlock Holmes investiga a morte de grandes mestres da música. E chega a conclusões surpreendentes

Naquela ocasião em que, depois de nosso café da manhã, eu não conseguia encontrar minha espátula para abrir os envelopes da correspondência recém-trazida pela sra. Hudson [ele disse]:

— Ora, Watson, porque não procura na copa?

— Na copa, Holmes? Mas como minha espátula poderia ter ido parar na copa?

— Muito simples, Watson. Você não se lembra de a sra.

Hudson ter quebrado os óculos ontem, ao debruçar-se sobre a lareira? E não notou como estavam amassadas, mal cortadas, as fatias de pão com geleia que ela nos serviu pela manhã?

Isso só pode ter acontecido por ela não ter percebido que estava a fatiar a bisnaga de pão com uma faca sem corte, como a sua espátula!

Eureka! Como raciocínios tão simples nunca me ocorriam?

Na verdade, acabei encontrando a espátula caída atrás da almofada da poltrona, e a sra. Hudson tinha um par de óculos de reserva, mas o raciocínio lógico de Holmes tinha sido mesmo de deixar-me de boca aberta.

O estilo é o do dr. Watson, sem tirar nem pôr. Mas por que cargas-d'água iria ele contar essa historietta para abalar o certo poder dedutivo de Sherlock Holmes?

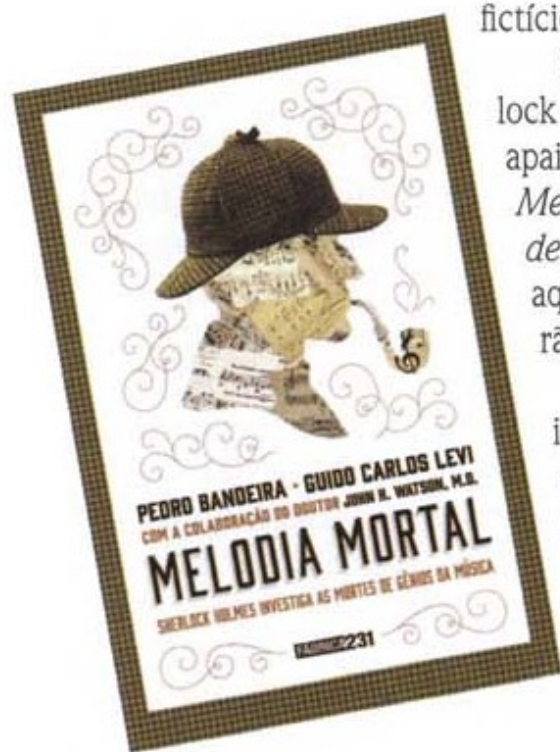
É que esse dr. Watson não é precisamente o de Conan Doyle. Ressurgiu nas páginas de um livro pela graça muito talentosa de dois autores brasileiros: Pedro Bandeira e Guido Levi. Traz na capa a seguinte especificação “com a colaboração do dr. John H. Watson, M. D.”. Os novos autores introduziram muito humor na narração.

Sabe-se que uma das consolações ao temperamento melancólico de Holmes, além da cocaína, era o violino. Amador de música, ele investiga, nesse livro, a morte de vários compositores. Ao se deparar com crimes que o faziam pensar em Bellini, Chopin ou Tchaikovsky, entre outros, refletiu sobre os mistérios da morte de cada um. Tais aventuras, e as deduções discordantes dos diagnósticos tradicionais, vêm debatidas em uma “confraria dos médicos sherlockianos”, que se reúne, nos dias de hoje, durante jantares gourmets bem regados a excelentes vinhos, em restaurantes londrinos da mais alta categoria. Talvez seja necessário informar que esses médicos sherlockianos são tão fictícios quanto a célebre dupla Sherlock e Watson.

Dou já aqui o título para que os amadores de Sherlock Holmes, os amadores de música e, sobretudo, os apaixonados por ambos corram a procurar. Trata-se de *Melodia mortal – Sherlock Holmes investiga as mortes de gênios da música*, da editora Fábrica231. Os outros, aqueles que não gostam nem de um nem de outra, terão sérios riscos de se converter com sua leitura.

Teria mesmo Mozart morrido de uma “febre inflamatória reumática” como afirmou o médico que examinou seu cadáver? Teriam as inúmeras sangrias, que nele fizeram, agravado irremediavelmente seu caso? E o que levou Robert Schumann a atirar-se no Reno?

Questões assim tornam familiares, para o leitor, os músicos e suas composições. Acrescen-



to que os autores fazem a gentileza de incluir uma ficha biográfica de cada e indicam uma obra bem escolhida nas melhores interpretações.

O livro reúne alusões cifradas e desafiadoras. Assim, por exemplo, é dito que Basil Rathbone representou Armand Duval em *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, antes de 1893. Como Rathbone nasceu em 1892 e estreou no teatro em 1911, parece que se trata de uma homenagem críptica dos autores ao artista que encarnou, por excelência, Sherlock Holmes no cinema. Ok, sei que os da nova geração talvez nem tenham ouvido falar nele e que Sherlock Holmes tem agora a cara de Benedict Cumberbatch. Digamos que ambos são geniais Sherlocks.

É fato, como diz o livro, que Chaliapine – era assim que ele escrevia seu nome – casou-se com a italiana Iola Tornagi. Ela, contudo, não era cantora, como informa o conto: era bailarina! Seriam mensagens cifradas escrever, por exemplo, *Sartor Redartus*, para o romance de Carlyle, cujo título real é *Sartor Resartus*, ou *Cenerontola*, em vez de *Cenerentola*? Não se deve excluir, no entanto, que sejam apenas... erros de revisão.

A contracapa apresenta comentários assinados por nomes como Private-Eye Sem Espada (em lugar de Sam Spade), ou Heracle Parrot (em lugar de vocês sabem quem). Só um deles é de músico: Richard Wagner. “Não tenho muita coisa contra, apenas a observação de que minha morte não está debatida neste livro, embora minha vida tenha sido muito mais importante do que a de todos esses outros.”

Se o verdadeiro Wagner tivesse lido esse formidável livrinho, de certo diria exatamente isso. ◀